

Determinantes do Excesso de Mão-de-Obra do Setor Formal do Mercado de Trabalho Metropolitano*

Valéria Pero**

André Urani***

É costumeiramente aceito que as economias semi-industrializadas padecem de excesso de oferta de mão-de-obra. No caso brasileiro, dada a incipiência do sistema de seguro-desemprego, o racionamento do mercado de trabalho não se manifesta em uma alta taxa de desemprego, mas em um baixo grau de formalização desse mercado, ou seja, numa baixa participação dos empregados com carteira de trabalho assinada na ocupação total. Dito de outra forma, apesar de a taxa de desemprego ser relativamente baixa (raramente acima de 5% ao longo da última década), uma grande parte da PEA — População Economicamente Ativa — se encontra ocupada em empregos sem contratos formais ou trabalhando por conta própria.

Segundo vários autores que abordaram a segmentação formal/informal do mercado de trabalho,¹ os trabalhadores informais prefeririam estar alocados em empregos formais. Urani (1991) e Urani e Winograd (1993), por exemplo, supõem que essa preferência se dá mesmo que não haja diferencial de rendimentos entre os dois segmentos. A função de utilidade adotada por esses autores para derivar a oferta de trabalho, de fato, incorpora como argumentos não apenas a renda esperada, mas também os benefícios não-pecuniários, que só existem nos empregos formais, e a aversão ao risco dos trabalhadores.²

* Gostaríamos de agradecer a Ricardo Paes de Barros e a Ricardo Mello pelas críticas e sugestões a uma versão anterior deste trabalho e a Ana Isabel Martins pela assistência computacional à pesquisa.

** Pesquisadora contratada pelo Projeto PNUD-BRA 93/011.

***Professor da FEA/UFRJ e pesquisador contratado pelo Projeto PNUD-BRA 93/011.

1 O setor informal da economia possui difícil caracterização, haja vista a gama de concepções alternativas associada a sua definição. Neste trabalho privilegiam-se como linha divisória entre os segmentos formal e informal do mercado de trabalho as definições associadas às seguintes questões: *a*) ao caráter legal das relações de trabalho, caso dos empregados sem carteira de trabalho assinada; e *b*) a inserção do trabalhador *vis-à-vis* o mercado de produto, caso dos trabalhadores por conta própria.

2 Os autores mostram que o risco da renda efetiva ser diferente da esperada é maior no segmento informal do que no formal, porque tanto a variabilidade da renda real ao longo do tempo quanto a desigualdade intragrupo são maiores.

Barros, Mello e Pero (1993) sugerem que a preferência por contratos formais poderia revelar, na verdade, a preferência pelas melhores condições de trabalho e remuneração que são oferecidas pelas empresas que empregam mão-de-obra através de contratos formais.

Essa idéia é ainda respaldada pela constatação empírica de que o tamanho do segmento informal do mercado de trabalho tende a variar contraciclicamente.

O objetivo deste trabalho é o de procurar indagar se o contingente de trabalhadores alocados nos segmentos informais pode ser considerado, sem maiores qualificações, como pertencendo ao excesso de oferta de trabalho para o setor formal. Para tanto, com base no suplemento da PNAD — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — de 1989, realizamos uma análise empírica do perfil dos trabalhadores informais em função do interesse em permanecer no seu trabalho ou em mudar para um emprego com carteira de trabalho assinada. Estimamos, portanto, para cada posição na ocupação em seu conjunto e, dentro de cada uma delas, desagregando por gênero, faixa etária e nível de escolaridade:

- . a proporção de trabalhadores informais interessados ou não em mudar para um emprego com carteira assinada;
- . os motivos do desinteresse em mudar para um emprego com carteira assinada;
- . os diferenciais de rendimentos médios entre os trabalhadores informais (interessados ou não em mudar para um emprego com carteira assinada) e os empregados com carteira.

Na Seção 26.1, mostramos que cerca de 2/3 dos empregados sem carteira de trabalho assinada gostariam de mudar para um emprego formal, e que esse interesse se deve essencialmente à existência de um importante diferencial de salários em favor do formal. Entre os que não demonstram interesse em mudar, os mais educados revelam-se melhor remunerados no mercado informal, enquanto os demais resultam satisfeitos com seus trabalhos apesar de estarem ganhando, em média, menos do que os empregados com carteira de trabalho assinada.

Estes resultados são bastante diferentes para os trabalhadores por conta própria. Na Seção 26.2, de fato, mostramos que aproximadamente 2/3 dentre eles não se mostram interessados em obter um emprego com carteira assinada. Esses trabalhadores, em média, resultam ganhar mais do que os empregados no segmento formal. Já os que gostariam de obter um emprego com carteira assinada ganham em média menos do que os com carteira.

Nossas conclusões estão na Seção 26.3. A descrição da metodologia e da base de dados, por fim, encontra-se no Anexo.

26.1 - Os Empregados sem Carteira de Trabalho Assinada

Dezessete por cento de nossa amostra são compostos por empregados sem carteira de trabalho assinada. Esses trabalhadores, como mostra a Tabela 26. 1, ganham em média menos do que a metade dos rendimentos dos empregados com carteira assinada.³

Ainda na Tabela 26. 1, vê-se que a maioria dos sem carteira (63 %) gostaria de mudar para um emprego com carteira de trabalho assinada. Essa tabela revela, em outros termos, a existência de racionamento no mercado formal, pois cerca de 12 % da PEA trabalham sem carteira assinada e não estão satisfeitos quanto à sua forma de inserção no mercado de trabalho.

Observe-se, contudo, que, para os empregados sem carteira interessados em mudar para um emprego com carteira assinada, o diferencial de salários é particularmente elevado (71 %), o que dificulta a interpretação precisa desses resultados. Não é claro, de fato, se o interesse desses trabalhadores é por um contrato formal de trabalho *per se* — no qual usufruiriam de uma série de benefícios oriundos da proteção legal — ou se o interesse é por um contrato que ofereça maior remuneração.

Para os 37% dos sem carteira que não demonstram interesse em mudar, o diferencial de salários também é negativo, mas é bem menor (27%).

O diferencial de salários parece, portanto, ser um forte fator explicativo do interesse em mudar de forma de inserção no mercado de trabalho. Esse resultado corrobora o fato, encontrado em Barros, Camargo e Sedlacek (1992), a partir de dados longitudinais da PME, de que em São Paulo os sem carteira que migram para empregos formais são os que se situam na cauda inferior da distribuição desse segmento.

O fato de a maioria dos empregados sem carteira estar insatisfeita quanto à sua forma de inserção no mercado de trabalho e de isso estar ligado, em grande parte, à existência de um salário de oportunidade mais elevado no segmento formal pode ter conseqüências nefastas sobre a produtividade do trabalho nesse segmento. As relações de trabalho que o caracterizam, de fato, parecem constituir um pacote de “antieficiência” [Shapiro e Stiglitz (1984)].

Sem embargo, é preciso não esquecer que — dada a inexistência de um sistema de seguro-desemprego eficiente ou de um programa de treinamento para desempregados — esse mercado desempenha um papel positivo no sentido de atenuar o grau de pobreza dos trabalhadores que perdem seus empregos formais em períodos de ajuste econômico [Amadeo *et alii* (1993)].

A Tabela 26. 2, enfim, mostra que entre os sem carteira que não desejam mudar de posição na ocupação apenas 10% fazem isso por estar ganhando

3 Esse diferencial salarial foi calculado sem a imposição de controles.

TABELA 26.1

Proporção de Empregados sem Carteira Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)	DIFERENCIAL
Interessados	62,80	-0,71
Desinteressados	37,30	-0,27
Total	100,00	-0,54

TABELA 26.2

Motivo do Desinteresse dos Empregados sem Carteira em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)	DIFERENCIAL
Ganhava Mais	9,55	0,11
Afazeres Domésticos	7,00	-0,46
Tempo p/ Outras Atividades	5,95	-0,37
Satisfeito	61,30	-0,23
Não Req. com Carteira	10,10	-0,44
Outros	6,10	-0,66

mais. A maioria (61%) se declara satisfeita com o emprego atual, apesar de estar registrando rendimentos mais de 20% inferiores, em média, aos com carteira.

26.1.1 - Gênero

O segmento composto por empregados sem carteira de trabalho assinada é o único que registra uma participação das mulheres maior que a dos homens.

Como pode ser visto na Tabela 26.3, o diferencial salarial é ligeiramente maior para as mulheres do que para os homens. Isso poderia explicar por que as mulheres sem carteira assinada se mostram mais interessadas em obter um emprego formal do que os homens em igual posição (65 contra 61%). Contudo, entre os empregados sem carteira interessados em mudar de posição na ocupação, o diferencial salarial é praticamente o mesmo para ambos os sexos (67% para as mulheres e 69% para os homens).

O mais interessante, todavia, é observar que, entre os empregados sem carteira satisfeitos com sua forma de inserção no mercado de trabalho, o diferencial salarial é bem mais elevado para as mulheres (28%) do que para os homens (18%).

TABELA 26.3

Proporção de Empregados sem Carteira Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	MULHERES		HOMENS	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Interesse	34,76	-0,67	27,99	-0,69
Desinteresse	19,15	-0,28	18,10	-0,18
Total	53,91	-0,53	46,09	-0,50

A Tabela 26.4 mostra que, para as mulheres, os motivos que mais se destacaram para justificar esse desinteresse foram: a) "estava satisfeita com o trabalho que tinha"; b) "tempo para atividades domésticas"; e c) "não queria preencher os requisitos de um emprego com carteira". Já, para os homens, os motivos mais cogitados foram: a) "satisfeito"; b) "ganhava mais"; e c) "não queria preencher os requisitos de um emprego com carteira".

Esses resultados sugerem que a maior flexibilidade⁴ proveniente da relação contratual dos empregos sem carteira é mais valorizada pelas mulheres do que pelos homens. Em outras palavras, as mulheres parecem dispostas a abdicar de uma parte de seus salários para poder "cuidar dos afazeres do lar".

Excetuando-se os trabalhadores que responderam que ganham mais mantendo sua forma de inserção, todos os outros grupos ganham, em média, menos do que os empregados com carteira. As mulheres empregadas sem

TABELA 26.4

Motivo do Desinteresse dos Empregados sem Carteira em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira
(Por gênero)

	MULHERES		HOMENS	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	11,64	0,27	14,16	0,02
Afazeres Domésticos	30,97	-0,27	0,27	-0,82
Tempo p/ Outras Ativ.	15,86	-0,46	4,74	-0,14
Satisfeito	14,20	-0,24	60,32	-0,13
Não Req. com Carteira	16,88	-0,62	12,92	-0,38
Outros	10,45	-0,67	7,59	-0,65

4 Em Barros e Varandas (1987) constata-se que a jornada de trabalho dos empregados sem carteira é mais flexível do que a dos com carteira, além de apresentar uma maior rotatividade do trabalho.

carteira assinada que indicaram que “ganhavam mais no emprego que tinha” apresentam diferencial salarial positivo superior ao dos homens (27 contra 2%). Nos outros grupos de motivos, o diferencial salarial é menor para os homens do que para as mulheres.⁵

26.1.2 - Idade

Nossos dados indicam que o interesse em mudar para um emprego com carteira assinada é monotonicamente decrescente com a idade, isto é, conforme aumenta a experiência no mercado de trabalho, menor o interesse em ingressar em um emprego formal. A Tabela 26.5 mostra que a proporção de empregados sem carteira interessados em mudar de posição na ocupação passa de 73% no grupo com idade entre 10 e 24 anos para 28% entre os que têm mais de 55 anos. Podemos deduzir, portanto, que o interesse em mudar para um emprego formal prevalece porque há uma alta proporção de trabalhadores jovens entre os sem carteira.

Observe-se também que, para os que se declaram interessados em mudar de posição na ocupação, o diferencial salarial aumenta com a idade: ele passa de 58% para o grupo de 10 a 24 anos de idade para 78% entre os que têm mais de 55 anos. Em outras palavras, os mais velhos têm que estar “perdendo” muito para se convencer a mudar de posição na ocupação. Uma possível explicação para esse fenômeno é a de que uma proporção significativa dos membros do grupo etário mais elevado trabalha apenas para complementar a renda auferida pelas aposentadorias. Uma outra é a de que os mais velhos tendem a valorizar menos os benefícios não-pecuniários oferecidos pelo contrato formal de trabalho, uma vez que estes exigem como contrapartida o cumprimento de uma série de regras (tais como uma jornada de trabalho fixa, o pagamento de impostos etc.). Esse fato é corroborado, como se vê na Tabela 26.6, pelo motivo “não querem atender os requisitos do com carteira” ser o segundo mais apontado pelos que têm acima de 45 anos de idade. Para os menores de 44 anos, essa razão é suplantada pela “ganham mais” e pela “querem tempo para outras atividades”.⁶

Entre todos os grupos etários, contudo, a principal razão apontada é a de estar “satisfeito com o trabalho atual”, o que é bastante vago. Note-se ainda que o diferencial salarial entre os dois segmentos segue o padrão de um U-invertido em relação à idade.

5 Excluindo o caso ligado à necessidade de cumprir afazeres domésticos, que representa, contudo, uma parcela ínfima da população masculina.

6 Observe-se, entretanto, que algumas faixas etárias declaram não querer mudar de posição na ocupação porque “ganham mais” sem a carteira de trabalho assinada, mas, na verdade, ganham em média menos do que os da mesma idade que têm carteira. Esses resultados podem estar viesados pela falta de controle por outras variáveis. Também vale a pena frisar que a razão “ganham mais” é a menos frequentemente apontada pelos mais velhos.

TABELA 26.5

Proporção de Empregados sem Carteira Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)		DIFERENCIAL
10-24			
Sim	34,03		-0,58
Não	12,55		-0,24
Subtotal	46,58		-0,49
25-34			
Sim	14,86		-0,62
Não	9,68		-0,43
Subtotal	23,54		-0,56
35-44			
Sim	8,18		-0,69
Não	6,33		-0,30
Subtotal	14,51		-0,51
45-55			
Sim	3,76		-0,74
Não	4,69		-0,23
Subtotal	8,45		-0,46
> 55			
Sim	1,93		-0,78
Não	4,99		-0,48
Subtotal	6,92		-0,56

TABELA 26.6

Motivo do Desinteresse dos Empregados sem Carteira em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira
(Por idade)

RAZÃO	GRUPO ETÁRIO									
	10 A 24		25 A 34		35 A 44		45 A 54		>55	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	7,64	0,30	13,31	-0,05	13,07	0,13	9,41	-0,09	3,18	0,45
Afazerem Domésticos	2,68	-0,25	10,07	-0,38	10,13	-0,75	9,56	-0,71	6,14	-0,30
Tempo p/ Outras Ativ.	7,56	-0,13	7,24	0,24	2,69	-0,85	5,79	-0,83	3,52	-0,71
Satisfeito	69,90	-0,27	56,88	-0,14	56,69	-0,20	55,97	-0,01	55,47	-0,42
Não Req. com Carteira	5,79	-0,36	10,16	-0,31	10,62	-0,61	12,02	-0,45	18,38	-0,67
Outros	6,43	-0,57	2,33	-0,68	3,81	-0,79	7,25	0,57	13,31	-0,75

2626.1.3 - Educação

A Tabela 26.7 mostra, antes de mais nada, que o diferencial de salários entre empregados dos dois segmentos decresce com o nível de escolaridade. Ele passa de 48 %, em média, entre os analfabetos, para apenas 8 %, em média, entre os universitários.

Essa tabela mostra, ainda, que o perfil por nível educacional dos trabalhadores interessados em mudar para um emprego formal tem o formato de um U-invertido, atingindo o pico entre o grupo de trabalhadores de um a quatro anos de estudo com 64 % e seu ponto mais baixo para os com mais de 11 anos de estudo com 42 %.

O diferencial salarial entre os interessados em mudar é decrescente com o nível educacional, variando de 56 % entre os que têm até quatro anos de estudo a 51 % entre aqueles que têm mais de 11 anos de estudo.

Para aqueles desinteressados em mudar para um emprego formal, o hiato salarial decresce com o nível educacional, chegando a atingir valores positivos para os trabalhadores com mais de nove anos de estudo. Note-se que o grupo formado pelos universitários é ao mesmo tempo o único em que a maioria não quer mudar para com carteira e que apresenta o maior diferencial salarial positivo.

A análise do *ranking* dos motivos por grupos educacionais levou à divisão da população de empregados sem carteira desinteressados em mudar em dois grupos educacionais: a) até quatro anos de estudo; e b) com cinco anos ou mais de estudo. A primeira colocação é sempre “satisfeito com o emprego que tinha”. Para o primeiro grupo, a segunda colocação é “não queria preencher os requisitos de com carteira” e a terceira é “ganhava mais”. Já, para o segundo grupo, a segunda colocação é “ganhava mais no emprego que tinha” e a terceira “não queria preencher os requisitos de um emprego com carteira”.

Isso demonstra que, apesar de os menos educados ganharem menos do que os com carteira, esses trabalhadores preferem se manter empregados informalmente porque não estão valorizando os benefícios da proteção legal. Já para os bem-educados, a preferência pelo vínculo empregatício informal se deve ao fato de que eles obtêm maiores rendimentos dessa forma. Pode-se dizer, então, que o fato de os trabalhadores muito educados estarem empregados sem contrato legal está muito mais associado ao caso de livre opção, seja por ganharem salários mais altos, seja porque não querem cumprir com as obrigações previstas em um contrato formal de trabalho.

A Tabela 26.8 revela que os empregados sem carteira desinteressados em mudar para um emprego formal, porque “ganhavam mais no trabalho que tinham”, realmente recebem, em média, salários relativamente superiores aos daqueles empregados com carteira assinada, sendo que esse diferencial é

TABELA 26.7

Proporção de Empregados sem Carteira Interessados ou não em Mudar para com Carteira e o Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)	DIFERENCIAL
< 1		
Sim	5,86	-0,56
Não	4,04	-0,36
Subtotal	9,90	-0,48
1-4		
Sim	26,14	-0,56
Não	14,47	-0,30
Subtotal	40,61	-0,47
5-8		
Sim	20,82	-0,54
Não	12,00	0,00
Subtotal	32,82	-0,34
9-11		
Sim	6,53	-0,53
Não	5,93	0,09
Subtotal	12,46	-0,23
> 11		
Sim	1,77	-0,51
Não	2,45	0,23
Subtotal	4,22	-0,08

TABELA 26.8

Motivo do Desinteresse dos Empregados sem Carteira em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira

(Por nível educacional)

RAZÃO	NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO									
	< 1		1 A 4		5 A 8		9 A 11		> 11	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	6,84	0,12	7,65	0,25	12,92	0,61	10,57	0,29	7,93	0,91
Afazer Domésticos	8,20	-0,37	8,27	-0,10	7,36	-0,28	5,26	0,32	0,22	-0,59
Tempo p/ Outras Ativ.	5,44	-0,40	5,09	-0,58	6,85	-0,24	4,50	-0,19	10,70	-0,13
Satisfeito	60,08	-0,35	61,46	-0,35	56,70	-0,00	66,97	0,09	70,22	0,32
Não Req. com Carteira	10,17	-0,46	11,49	-0,37	8,70	-0,04	10,27	0,05	7,28	-0,35
Outros	9,28	-0,61	6,04	-0,29	7,46	-0,48	2,44	-0,50	3,66	-0,69

crescente com o nível educacional. Com exceção de certos grupos de trabalhadores com mais de nove anos de estudo, os trabalhadores que indicaram outros motivos gauham, em média, relativamente menos do que os empregados com carteira com o mesmo nível educacional.

26.2 - Os Trabalhadores por Conta Própria

Ao contrário do que ocorre com os empregados sem carteira, cerca de 2/3 dos trabalhadores por conta própria não se declararam interessados em mudar sua forma de inserção no mercado de trabalho (Tabela 26.9). Assim, do total de 21% da PEA ocupada por conta própria, apenas 7% estão interessados em mudar para um emprego com carteira assinada.

Esse relativo desinteresse em mudar de posição na ocupação se explica, pelo menos em parte, pelo baixo diferencial médio de salários entre os dois segmentos. Note-se, sempre na Tabela 26.9, que os trabalhadores por conta própria que não desejam um emprego com carteira assinada têm um rendimento médio acima (22%) de seu salário de oportunidade no segmento formal.⁷ Essa é, inclusive, uma das principais razões apontadas por esses trabalhadores para justificar suas preferências, como aparece na Tabela 26.10. Observe-se, enfim, que, quando a razão apontada é “tempo para afazeres domésticos” ou “não quer preencher os requisitos do com carteira”, o diferencial de salários se torna negativo.

Em outros termos, mais de 10% do total dos trabalhadores por conta própria se mostram dispostos a abrir mão de parte de sua renda para manter sua forma de inserção no mercado de trabalho através de atividades que proporcionam maior flexibilidade do que a oferecida pelo segmento formal.

TABELA 26.9

Proporção de Trabalhadores por Conta Própria Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)	DIFERENCIAL
Interessados	36,50	-0,49
Desinteressados	63,50	0,22
Total	100,00	-0,04

⁷ Mesmo entre os que desejariam estar em um emprego com carteira assinada o diferencial para os conta própria é consideravelmente menor do que para os empregados sem carteira.

TABELA 26.10

Motivo do Desinteresse dos Trabalhadores por Conta Própria em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)	DIFERENCIAL
Ganhava Mais	16,01	0,43
Afazeres Domésticos	11,40	-0,45
Tempo p/ Outras Atividades	4,40	0,46
Satisfeito	55,10	0,40
Não Req. com Carteira	9,99	-0,22
Outros	3,10	-0,48

26.2.1 - Gênero

A Tabela 26.11 revela que há praticamente o mesmo número de homens e mulheres trabalhando por conta própria que gostariam de mudar para um emprego com carteira assinada. Como, entretanto, há mais homens do que mulheres nesse tipo de ocupação, o interesse em mudar para um emprego formal resulta ser proporcionalmente maior entre as mulheres (44% afirmam que desejam mudar, contra 31% dos homens), embora o diferencial de salários entre os dois segmentos seja praticamente o mesmo para os dois sexos (47% para as mulheres e 49% para os homens).

Já o diferencial de salários para os trabalhadores por conta própria desinteressados em mudar de posição na ocupação é positivo para ambos os sexos, mas muito maior para as mulheres do que para os homens. Como mostra a Tabela 26.12, esse diferencial de remuneração, entretanto, não consta das razões mais assinaladas pelas mulheres para justificar suas preferências pela posição atual, mas aparece nas dos homens. A ocupação por conta própria também parece, portanto, desempenhar um importante papel para viabilizar o cumprimento da dupla jornada de trabalho da mulher.

TABELA 26.11

Proporção de Trabalhadores por Conta Própria Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	MULHERES		HOMENS	
	PROP.(%)	DIF.	PROP.(%)	DIF.
Interesse	18,44	-0,47	18,10	-0,49
Desinteresse	23,09	0,35	40,07	0,17
Total	41,53	-0,01	58,47	-0,03

TABELA 26.12

Motivo do Desinteresse dos Trabalhadores por Conta Própria em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira
(Por gênero)

	MULHERES		HOMENS	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	8,40	0,91	20,81	0,24
Afazeres Domésticos	31,17	-0,26	0,13	0,54
Tempo p/ Outras Ativ.	6,44	0,35	3,15	0,73
Satisfeito	41,99	0,86	62,61	0,12
Não Req. com Carteira	8,55	-0,03	11,29	-0,32
Outros	3,81	-0,59	4,00	-0,53

26.2.2 - Idade

A Tabela 26.13 mostra que o diferencial médio de rendimentos entre trabalhadores por conta própria e empregados com carteira de trabalho assinada varia consideravelmente com a idade: ele é positivo para os que têm menos de 35 anos e negativo para os que têm mais. Isso pode parecer paradoxal, visto que o interesse dos trabalhadores por conta própria em mudar para um emprego formal é monotonicamente decrescente com a idade, passando de 58% na faixa etária de 10 a 24 anos para 23% entre os que têm mais de 55 anos.

Sem embargo, por um lado o diferencial de salários para os que desejam mudar de posição na ocupação é sempre negativo, embora seja quase nulo (-2%) para o grupo com idade entre 25 e 34 anos; por outro, entre os que não estão interessados em mudar ele se torna negativo a partir de 35 anos de idade.

A análise da Tabela 26.14 revela que todas as faixas etárias apontam como primeira razão do desinteresse em mudar para um emprego formal a satisfação com a posição atual.

As diferenças quanto às segunda e terceira colocações permitem separar a população em três grupos etários:

- . 10-24 anos, com “ganhava mais” e “tempo para outras atividades”;
- . 25-44 anos, com “ganhava mais” e “não queria preencher os requisitos de com carteira”;
- . maiores de 45 anos, com “não queria preencher os requisitos de com carteira” e “ganhava mais no emprego que tinha”.

TABELA 26.13

Proporção de Trabalhadores por Conta Própria Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses Grupos em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)		DIFERENCIAL
10-24			
Sim	5,74		-0,25
Não	4,25		0,75
Total	9,99		0,17
25-34			
Sim	11,73		-0,02
Não	11,81		0,42
Total	23,54		0,22
35-44			
Sim	10,18		-0,61
Não	18,14		-0,09
Total	28,32		-0,27
45-55			
Sim	6,34		-0,65
Não	13,17		-0,21
Total	19,51		-0,35
> 55			
Sim	3,47		-0,69
Não	11,84		-0,24
Total	15,31		-0,34

TABELA 26.14

Motivo do Desinteresse dos Trabalhadores por Conta Própria em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira (Por idade)

RAZÃO	GRUPO ETÁRIO									
	10 A 24		25 A 34		35 A 44		45 A 54		>55	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	23,74	1,44	20,65	0,29	19,38	-0,04	11,37	0,26	7,76	0,32
Afazeres Domésticos	5,61	-0,61	10,92	-0,48	12,51	-0,52	13,44	-0,60	10,26	-0,70
Tempo p/ Outras Atív.	7,47	0,51	3,22	1,22	4,40	0,23	2,97	-0,45	6,20	-0,11
Satisfeito	54,54	0,69	55,08	0,69	53,52	0,04	56,09	-0,11	56,72	-0,12
Não Req. com Carteira	6,12	0,63	8,68	-0,02	9,47	-0,41	11,84	-0,12	11,38	-0,58
Outros	2,52	-0,48	1,44	-0,46	0,72	-0,27	4,29	-0,58	7,67	-0,72

Os trabalhadores que “não querem preencher os requisitos de com carteira” também registram um rendimento inferior aos que possuem carteira de trabalho assinada, com exceção do grupo com idade entre 10 e 24 anos, que ganha, em média, 63% a mais do que os com carteira.

Para quem “estava satisfeito” ou “queria tempo para outras atividades”, verifica-se um diferencial de rendimentos positivo até 44 anos, para posteriormente os trabalhadores por conta própria passarem a ganhar, em média, menos do que os empregados com carteira.

Note-se também que o motivo “afazeres domésticos” é sistematicamente acompanhado por diferenciais negativos, o que fortalece a idéia de que as ocupações informais permitem jornadas de trabalho mais flexíveis, à custa de uma remuneração menor do que a oferecida no mercado formal.

26.2.3 - Educação

Conforme a Tabela 26.15, o interesse dos trabalhadores por conta própria em mudar para um emprego formal varia inversamente com o nível educacional.

O diferencial médio de salários é negativo para os que desejam mudar de posição na ocupação, qualquer que seja o grau de escolaridade. Ele é positivo — e crescente até 11 anos de estudo — para os que se mostram desejosos de manter a ocupação por conta própria.

O *ranking* dos motivos do desinteresse dos trabalhadores por conta própria em mudar para um emprego formal por nível educacional é o mesmo para todos os grupos:⁸ a) “satisfeito”; b) “ganhava mais”; e c) “não queria preencher os requisitos de com carteira” (ver Tabela 26.16).

Repare, ainda, que, à diferença do que ocorre no segmento sem carteira, os diferenciais de rendimentos quando controlados por educação, neste caso, revelam que, em geral, os trabalhadores por conta própria desinteressados em mudar para com carteira ganham, em média, relativamente mais do que os empregados com carteira, com exceção para as mulheres que “têm que cuidar de afazeres domésticos” e certos grupos de trabalhadores sem instrução.

8 Excluindo “tinha afazeres domésticos”.

TABELA 26.15

Proporção de Trabalhadores por Conta Própria Interessados ou não em Mudar para com Carteira e Diferencial de Rendimentos desses em Relação aos com Carteira

	PROPORÇÃO (%)		DIFERENCIAL
< 1			
Sim	4,74		-0,25
Não	6,10		0,07
Subtotal	10,84		-0,07
1-4			
Sim	15,25		-0,28
Não	24,34		0,42
Subtotal	39,58		0,15
5-8			
Sim	9,88		-0,18
Não	16,49		0,63
Subtotal	26,37		0,33
9-11			
Sim	4,39		-0,29
Não	9,75		0,73
Subtotal	14,14		0,41
> 11			
Sim	1,87		-0,34
Não	7,19		0,21
Subtotal	9,06		0,10

TABELA 26.16

Motivo do Desinteresse dos Trabalhadores por Conta Própria em Mudar para um Emprego Formal e Diferencial de Rendimentos destes em Relação aos com Carteira (Por nível educacional)

RAZÃO	NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO									
	< 1		1 A 4		5 A 8		9 A 11		> 11	
	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.	PROP. (%)	DIF.
Ganhava Mais	15,23	0,48	14,47	1,19	20,56	1,13	16,42	1,38	12,16	0,37
Afazers Domésticos	11,61	-0,38	13,31	-0,29	13,76	0,06	7,92	-0,44	4,35	-0,30
Tempo p/ Outras Ativ.	4,41	-0,21	3,66	0,29	4,64	0,16	3,91	1,89	6,48	0,62
Satisfeito	47,51	0,28	53,74	0,57	50,80	0,68	61,06	2,17	67,94	0,23
Não Req. com Carteira	12,60	-0,30	11,23	-0,08	8,45	0,44	9,32	0,63	7,24	-0,25
Outros	8,63	-0,46	3,58	-0,49	1,79	-0,11	1,37	-0,38	1,84	0,11

26.3 - Conclusão

A partir dos dados que analisamos neste trabalho, podemos estimar o tamanho efetivo do excesso de mão-de-obra para o segmento formal do mercado de trabalho metropolitano — incluindo os desempregados — em cerca de 22% da PEA. Isso significa que, em 1989, esse segmento se mostrava capaz de absorver em torno de 3/4 dos trabalhadores que desejam estar empregados nele.

Mostramos, contudo, que esse racionamento é consideravelmente menor do que o tamanho do segmento informal como um todo. Mais da metade dos “trabalhadores informais”, de fato, se declara desinteressada em mudar para um emprego com carteira assinada. O motivo desse desinteresse varia significativamente conforme a posição na ocupação, o gênero, a idade e a educação.

Nossos dados indicam que a proporção de trabalhadores por conta própria que estão satisfeitos com a sua forma de inserção atual na atividade produtiva é o dobro da de empregados sem carteira. Isso se deve, basicamente, ao fato de que o diferencial médio de salários entre os formais e os conta própria é muito menor do que o existente entre empregados com e sem carteira assinada. Nos dois segmentos, os trabalhadores que desejam migrar para empregos formais se situam preponderantemente na cauda inferior da distribuição. A existência de uma insatisfação com a forma atual de inserção na atividade produtiva, sobretudo se ligada — como é o caso — a um elevado diferencial de salários, pode ter sérias conseqüências, como assinalamos acima, sobre a produtividade do trabalho.

As mulheres, tanto sem carteira quanto conta própria, se mostram mais interessadas do que os homens em mudar de posição na ocupação. No entanto, uma proporção significativa dentre elas prefere a inserção informal e aponta como uma das principais razões para essa preferência a maior flexibilidade da jornada de trabalho proporcionada por esse tipo de atividade. Ou seja, o segmento informal parece cumprir um importante papel em viabilizar a dupla jornada de trabalho da mulher.

Os trabalhadores informais mais jovens são os que se mostram mais interessados em mudar para um emprego com carteira. Entretanto, o diferencial salarial é crescente com a idade. Combinado a isso, verificou-se que, conforme aumenta a idade dos trabalhadores informais, o motivo mais cogitado para a falta de interesse é não querer cumprir com as obrigações firmadas num contrato legal de trabalho. Essas constatações sugerem que: *a*) o racionamento do mercado formal de trabalho atinge principalmente os trabalhadores que estão ingressando no mercado de trabalho; e *b*) conforme aumenta a experiência no mercado de trabalho, os trabalhadores valorizam menos os benefícios advindos da posse da carteira de trabalho assinada. Além disso, para os trabalhadores mais velhos, a inserção em atividades informais

pode ser uma opção para esses trabalhadores complementarem a renda proveniente da aposentadoria.

A análise por nível educacional, enfim, revela que a proporção de trabalhadores informais interessados em mudar de posição na ocupação é maior entre os menos educados e que isso está associado ao elevado diferencial salarial existente para esse grupo. De fato, entre os trabalhadores informais com mais de nove anos de estudo, a maioria está satisfeita com sua forma de inserção no mercado de trabalho e o diferencial salarial é positivo. Dito de outra forma, os trabalhadores pouco educados parecem recorrer ao mercado de trabalho informal por falta de alternativa no mercado formal, enquanto os mais educados tendem a preferir o "informal" pelo fato desse mercado lhes proporcionar maiores rendimentos.

Os dados apontam evidências da heterogeneidade dos segmentos informais. Por um lado, representa uma forma de emprego precário, no sentido de que parcela considerável de trabalhadores inseridos nesse setor está insatisfeita com seu emprego. Por outro lado, para certos estratos de trabalhadores, esse tipo de emprego satisfaz as condições exigidas por esses trabalhadores, seja através de melhor remuneração, seja pela maior flexibilidade proporcionada pelos empregos desse segmento. Esse é o caso, principalmente, dos trabalhadores muito educados, dos mais experientes e das mulheres.

Embora grande parte dos trabalhadores informais preferisse estar alocada em empregos com contratos formais de trabalho, os segmentos informais do mercado de trabalho parecem desempenhar um importante papel no sentido de atenuar o grau de pobreza desses trabalhadores, principalmente em períodos de crise econômica. Ademais, esses segmentos permitem a entrada na força de trabalho de indivíduos que não encontrariam colocação no segmento formal, dada a rigidez das regras previstas pela legislação trabalhista.

Anexo

Metodologia e Base de Dados

A fonte de informação utilizada neste estudo é a PNAD/89.

O universo de análise foi restringido em três dimensões:

- . regiões metropolitanas, excluindo as atividades agrícolas nelas exercidas;
- . PEA com renda positiva;

. posição na ocupação, exceto empregadores e funcionários públicos estatutários (ou seja: empregados com e sem carteira de trabalho assinada e trabalhadores por conta própria).

Isso gerou uma amostra com 52.085 pessoas, a qual, expandida, representa em torno de 16% da PEA e de 8% da população urbana brasileira.

O questionário básico da PNAD foi utilizado para calcular o salário médio e a participação no trabalho por posição na ocupação.

Para poder captar se os trabalhadores informais estão ou não interessados em mudar para um emprego com carteira assinada, precisamos das informações geradas pelo suplemento desta pesquisa. De fato, no suplemento de 1989, foi perguntado aos empregados sem carteira assinada (exceto funcionários públicos estatutários) e aos trabalhadores por conta própria se "(...) gostariam de sair desse trabalho para um emprego com carteira assinada" e "por que (...) não gostariam de mudar para um emprego com carteira de trabalho assiuada".

Para verificar como varia o interesse dos trabalhadores informais (empregados sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria) em mudar para um emprego formal (com carteira assinada) e qual a correlação entre esse interesse e o diferencial de salários, adotamos o seguinte procedimento:

- . estimamos a proporção de trabalhadores informais que estão interessados ou não em mudar para um emprego formal;
- . calculamos a renda média desses grupos;
- . estimamos os diferenciais de renda média entre os trabalhadores informais e os formais.

Essas estimativas também foram feitas desagregando cada posição na ocupação por gênero, cinco faixas etárias (10 a 24, 25 a 34, 35 a 44, 45 a 54 e acima de 55 anos) e cinco grupos educacionais (analfabetos, um a quatro, cinco a oito, nove a 11, e 12 ou mais anos de estudo).

Para o cálculo da renda, foi adotada uma medida padronizada pelo número de horas trabalhadas no mês:

$R = (\text{renda na ocupação principal}/\text{quatro vezes o número de horas trabalhadas na semana}).$

Trabalhadores que ganham o mesmo salário mensal podem trabalhar números de horas mensais diferentes. Com a medida adotada, os que trabalharem menos horas terão um salário maior.

A renda média de cada posição na ocupação também foi desagregada por gênero, idade e educação.

O diferencial de rendimentos médios entre trabalhadores informais e formais, enfim, foi obtido da seguinte forma:

$$V = [(renda média informal/renda média formal) - 1].$$

Bibliografia

- AMADEO, E. *et alii*. *Human resources in the adjustment process*. Rio de Janeiro: IPEA, 1993 (Série Seminários sobre Estudos Sociais e do Trabalho, 1/93).
- BARROS, R. *et alii*. Técnicas empíricas de decomposição: uma análise baseada em simulações contrafactuais. *Anais da Sociedade Brasileira de Econometria*, 1992.
- BARROS, R., CAMARGO, J. M. e SEDLACEK, G. *Os três mercados*. 1992, mimeo.
- BARROS, R., MELLO, R. e PERO, V. *Informal labor contract: a solution or a problem?* Rio de Janeiro: IPEA, 1993 (Texto para Discussão, 291).
- BARROS, R. e VARANDAS, S. A carteira de trabalho e as condições de trabalho e remuneração dos chefes de família no Brasil. *Revista da Anpec*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 12, p. 15-20, dez. 1987.
- SHAPIRO, C. e STIGLITZ, J. Equilibrium unemployment as a worker-discipline device. *American Economic Review*, 74, p. 433-444, 1984.
- URANI, A. Duas dualidades no mercado de trabalho urbano brasileiro e seus efeitos sobre a desigualdade. *Anais do XIX Encontro de Economia*, 1991.
- URANI, A. e WINOGRAD, C. The informal labor market in an era of adjustment: the case of Brazil, 1981-1988. *Revista Brasileira de Economia*, 1993 (no prelo).

